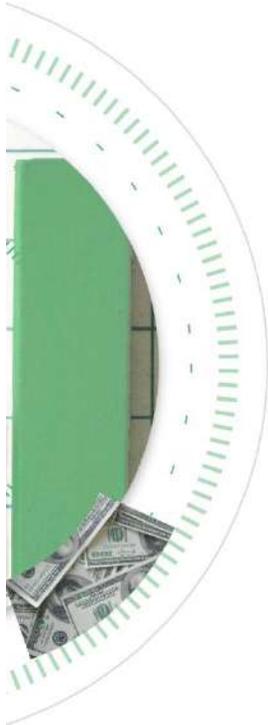


Comportamento Semanal de Mercado

12 a 19 de abril



Recalibrações



Em março, o Comitê de Política Monetária (Copom) alterou o seu forward guidance, ao sinalizar um corte de -0,5 p.p. na taxa Selic para a próxima reunião, mesmo assim seria condicional, ou melhor só ocorreria na confirmação do seu cenário base. Diante de uma conjuntura de maior incerteza e com base em declarações de membros do Copom, houve uma recalibragem na aposta de um grupo significativo de analistas para uma queda de apenas -0,25 p.p. em maio. Contudo, a questão que se deve analisar é se o cenário atual será sustentável ou apenas refletiu um movimento circunstancial de aumento de volatilidade.

A evolução da dinâmica cambial será o melhor termômetro para essa avaliação. Modelos aplicados por economistas do FGV Ibre sugerem que 65% da depreciação do real em 2024 deveu-se a fatores externos. Portanto serão eles que deverão ser monitorados. Além das tensões geopolíticas, o componente internacional tem sido explicado pela elevação dos juros longos nos EUA, valorização do dólar e as apostas majoritárias para o início da flexibilização monetária para apenas o 2º semestre. Neste sentido, é importante entender se a forte valorização do dólar será mantida e capaz de elevar de forma significativa as expectativas inflacionárias. Até então, os sinais não são claros, o cenário inflacionário de curto prazo continua benigno e a sustentação da piora nas condições financeiras globais tenderá a desacelerar a atividade. Lembrando, ainda, que a taxa real de juros *ex-ante* se distancia cada vez mais dos 4,50% a.a. considerado como a taxa neutra pelo Banco Central (BC).

De acordo com o Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO), a meta de superávit primário para 2025 passou de 0,5% do PIB para 0,00%. Para 2026, alterou de 1,0% para 0,25%, subindo para 0,5% em 2027 e 1,0% em 2028. Momentaneamente, a oficialização da redução da meta fiscal estabelecida no PLDO não se refletirá nas projeções do Boletim Focus, de modo que o déficit primário em relação ao PIB para 2024 tende a continuar em nível próximo a -0,70% para 2024, -0,60% para 2025 e em -0,50% para 2026, a conferir.

Ademais, a inflação no atacado segue mais comportada, com o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) da FGV apresentando uma queda de -0,56% em abril e de -6,40% a.a. em 12 meses. No acumulado de 12 meses, o índice de atividade do BC (IBC-Br) acumulou uma alta de 2,3% a.a. em fevereiro, ante 2,4% a.a. em jan/24. Em termos prospectivos, espera-se a dissipação dos impactos do pagamento de precatórios, da política de reajuste do salário mínimo e o adiantamento do pagamento do abono salarial na demanda interna, que tende a continuar sendo alavancada pelo mercado de trabalho aquecido, aumento da massa salarial e pelos efeitos do afrouxamento da política monetária.

Por fim, após recuar por 4 meses consecutivos, a Intenção de Consumo das Famílias (ICF), divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), exibiu em abril uma alta na margem de 0,4% na série com ajuste sazonal.

Nesta semana, as atenções se voltarão para as divulgações da 1ª prévia do PIB no 1T24 e para o deflator dos gastos de consumo pessoal (PCE) nos EUA, que deverão ajudar a interpretar a trajetória futura da política monetária a ser conduzida pelos Fed. Localmente, destaque fundamental para a divulgação do IPCA-15 de abril. Atenção também para a reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN), os dados da arrecadação federal, as sondagens de confiança do consumidor, construção e indústria, além do PMI manufatura nos EUA e Zona do Euro, confiança do consumidor na Zona do Euro e as vendas de casas novas e pedidos de bens duráveis nos EUA.

Expectativas

Reagindo gradualmente ao quadro de aumento das incertezas com a trajetória da política monetária nos EUA e as tensões geopolíticas, a pesquisa Focus iniciou os ajustes das projeções para a Meta Selic. Para o final de 2024, o indicador subiu de 9,00% a.a. em 05/04 para 9,13% a.a. em 12/04. Porém, para o encontro do Copom de maio, a expectativa ainda é de queda de -0,50 p.p.. Da mesma forma, a mediana das projeções para a taxa Selic para a reunião de junho, segue mostrando um corte de - 0,50 p.p., a despeito da mudança do forward guidance realizada pelo Copom. Ademais, o boletim continua mostrando uma taxa terminal de 8,50% a.a. para 2025, indicador que se estenderia até 2027. Com uma defasagem menor, um levantamento do jornal Valor Econômico com 93 instituições financeiras, mostrou que 50 esperam um corte de -0,5 p.p. em maio, enquanto as demais acreditam em uma redução para -0,25 p.p.. Na coleta, a estimativa para o final de 2024 é de 9,75% a.a. e de 9,00% a.a. para 2025.

No curto prazo, a estimativa do IPCA para abril da Focus elevou-se de 0,30% para 0,32%, de maio de 0,23% para 0,24%, enquanto o de junho prosseguiu em 0,18%. Porém, o IPCA projetado para 2024 variou de 3,76% para 3,71% (3,79% há 1 mês atrás). Com peso mais significativo no horizonte relevante da política monetária, a mediana das expectativas para 2025 aumentou de 3,53% para 3,56% (3,52% há 1 mês). Igualmente desancoradas e no mesmo nível por 41 edições consecutivas, as estimativas para 2026 e 2027 ficaram em 3,50%.

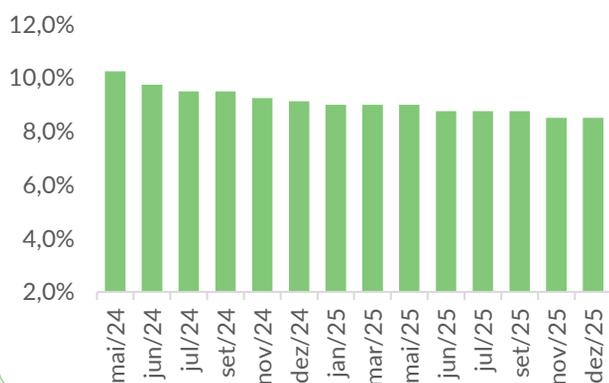
A curva da inflação implícita, calculada com base nas negociações das NTN-Bs, mostrou na semana queda nos indicadores. Entre os dias 12/04 e 19/04, o do prazo de 1 ano variou de 3,75% para 3,72%, o de 2 anos de 4,22% para 4,19% e o de 3 anos de 4,54% para 4,49%.

Com o bom desempenho da atividade, as projeções para o crescimento do PIB no Focus entre os dias 05/04 e 12/04 subiram de 1,90% para 1,95% (1,80% há 1 mês atrás). As estimativas para o crescimento de 2025, 2026 e 2027 acomodaram-se em 2,0%.

Computando apenas parcialmente a recente crise geopolítica, o cenário para o câmbio apresentou poucos ajustes. Com apreciação de 0,4%, a cotação para esse ano subiu para R\$/US\$ 4,97, com a taxa para 2025 prosseguindo em R\$/US\$ 5,00. Para 2026, a cotação variou de R\$/US\$ 5,04 para R\$/US\$ 5,03, ao passo que para 2027 ficou em R\$/US\$ 5,07.

De acordo com o PLDO, a meta de superávit primário para 2025 passou de 0,5% do PIB para 0,00%. Para 2026, alterou de 1,0% para 0,25%, subindo para 0,5% em 2027 e 1,0% em 2028. Possivelmente, a oficialização da redução da meta fiscal estabelecida no PLDO não se refletirá nas projeções do Boletim Focus, de modo que o déficit primário em relação ao PIB para 2024 tende a continuar em nível próximo a - 0,70% para 2024, -0,60% para 2025 e em -0,50% para 2026. Para 2027, a estimativa reduziu-se entre 05/04 e 12/04 de -0,25% para -0,20% do PIB.

Selic - Mediana das Projeções (% a.a.)



IPCA - Mediana das projeções (% a.a.)



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

EUA

Evidenciando a resiliência do consumo, e reforçando as perspectivas de que economia dos EUA deva ter encerrado o 1T24 com um sólido crescimento, as vendas no varejo cresceram 0,7% na margem em março, superando em muito a projeção de uma alta de 0,3% do levantamento da Reuters. Ademais, os dados de fevereiro foram revistos de uma alta de 0,6% para 0,9%. No 1T24, as vendas aumentaram 2,1%, ante o mesmo período de 2023.

Excluindo-se os automóveis, gasolina, materiais de construção e serviços de alimentação, as vendas aumentaram 1,0% em março. A informação de fev/24 também foi revista para cima, mostrando um aumento de 0,3% ao invés de estagnação.

Mostrando sinais de aceleração, a produção industrial cresceu 0,4% em março, após ter aumentado 0,1% em fev/24. O resultado decorreu das altas na margem de 0,5% da manufatura, que foi impulsionada em parte por um ganho de 3,1% em veículos automotores e peças e de 2,0% em serviços públicos. Porém, houve uma retração de -1,4% no índice de mineração. Já a utilização da capacidade instalada aumentou de 78,2% em fev/24 para 78,4%.

Os pedidos semanais por seguro-desemprego ficaram estáveis em 212 mil, na semana encerrada em 13 de abril. Porém, o resultado ficou abaixo do indicado pela pesquisa do *The Wall Street Journal*, de 215 mil. O dado divulgado na semana anterior foi revisto para cima, de 211 mil para 212 mil.

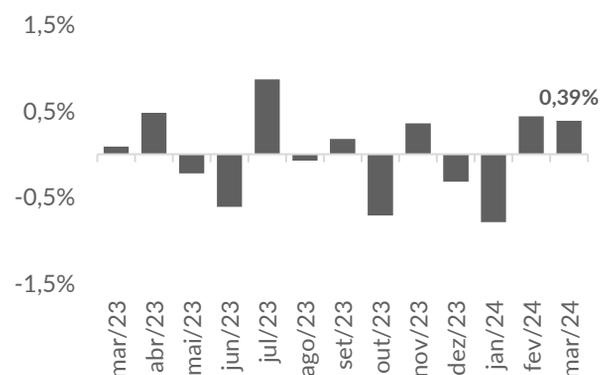
No mercado imobiliário, o aumento das taxas hipotecárias continua impactando o setor. Em março, a construção de habitações privadas diminuiu -14,7% na comparação com fev/24 e -4,3% ante mar/23. Ao mesmo tempo, a construção de residências para uma família caiu -12,4% ante fev/24, totalizando 1,022 milhão de unidades. Já os alvarás para novas construções recuaram -4,3% na margem.

No Livro Bege, o Fed relatou que a atividade se expandiu ligeiramente em grande parte do país desde fev/24, os aumentos de preços permaneceram modestos, mantendo-se no ritmo observado no relatório anterior, enquanto o mercado de trabalho cresceu em ritmo mais lento, com um aumento de salários mais moderados.

Vendas no Varejo Com ajuste sazonal



Produção Industrial Variação mensal



Fonte: Fed | Census Bureau. Elaboração ABBC

Economia Internacional

Na Zona do Euro, o índice de inflação ao consumidor (CPI) confirmou o processo desinflacionário. A taxa anualizada saiu de 2,6% a.a. em fev/24 para 2,4% a.a. em março. Excluindo-se os elementos mais voláteis como alimentos, energia e tabaco, o indicador ficou em 2,9% a.a., também desacelerando em relação aos 3,1% a.a. registrados em fev/24.

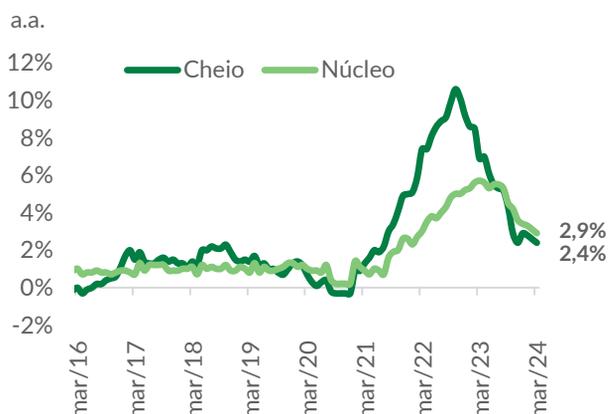
Do lado da atividade, a produção industrial da região cresceu 0,8% na margem em fevereiro, mas mostrou uma contração de -6,4% ante fev/23. Ademais, os números de jan/24 foram revisados de uma queda mensal de -3,2% para um recuo de -3,0% e interanual de -6,7% para -6,6%.

Impulsionado pelo setor manufatureiro, aumento dos gastos dos consumidores e o efeito de políticas de incentivo a investimentos, o Produto Interno Bruto (PIB) da China cresceu 5,3% no 1T24 em relação ao 1T23, superando as estimativas de uma alta de 5,0% sinalizada por levantamento do *The Wall Street Journal*. Na base trimestral, a economia se expandiu 1,6%, acelerando os ganhos em relação a alta de 1,0% no 4T23.

Os dados de atividade de março, contudo, deram sinais de perda de tração. Abaixo do avanço médio de 7,0% do 1º bimestre, e do previsto de uma alta de 6,9% pelo consenso *London Stock Exchange Group* (LSEG), a produção industrial cresceu 4,5% em março, em relação ao mês anterior. Por sua vez, as vendas no varejo cresceram 3,1% na comparação anual, ante uma projeção de alta de 4,3% e da média do bimestre de 5,5%.

Em termos prospectivos, os resultados trazem um viés de maior dinamismo na atividade ao longo do ano, o que pode sustentar pressões sobre os preços de commodities, especialmente as metálicas e energéticas, e limitar o efeito deflacionário da China para o restante do mundo.

Zona do Euro - Inflação ao Consumidor

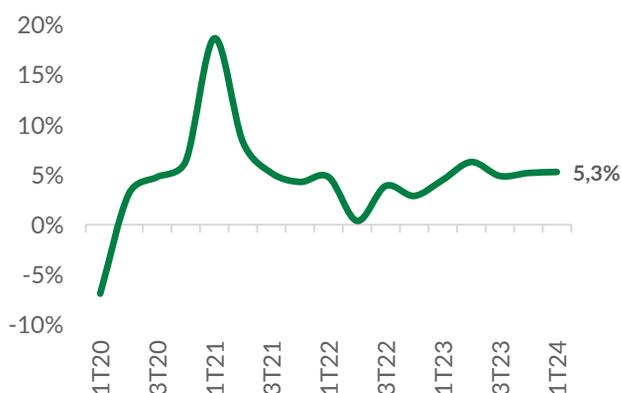


Zona do Euro - Produção Industrial

Variação mensal



China - Produto Interno Bruto (% a.a.)



Fonte: Eurostat | Bloomberg.. Elaboração ABBC

FMI- Abr/24

No relatório Panorama Econômico Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) enfatizou que o crescimento da economia global se mantém constante, sobretudo no contexto de aperto monetário global sincronizado, à medida que a inflação desacelera. Contudo, os comportamentos se mostram heterogêneos entre as regiões, ressaltadas pelas fragmentações geopolíticas, incluindo os efeitos dos apertos monetários e as retiradas de estímulos fiscais.

Projeta-se que a economia global cresça no ritmo de 3,2% em 2024 e 2025, a mesma taxa observada em 2023. Contudo, refletindo as políticas monetárias restritivas e as retiradas do apoio fiscal, bem como o baixo crescimento subjacente da produtividade, a estimativa encontra-se abaixo da média anual de 3,8% verificada entre 2000 e 2019.

A expansão das economias desenvolvidas deve acelerar de 1,6% em 2023, para 1,7% em 2024 e 1,8% em 2025. Em relação a janeiro, as projeções para os EUA subiram 0,6 p.p. frente à última projeção para 2,7% em 2024, reflexo de um mercado de trabalho e gastos dos consumidores mais fortes do que o esperado no final de 2023 e em 2024. Para 2025, espera-se que o efeito defasado das políticas monetária e fiscal mais restritivas enfraqueça o crescimento para 1,9% (1,7% em jan/24). Já a estimativa para a Zona do Euro recuou -0,1 p.p. para 0,8% em 2024 e -0,2 p.p. para 1,5% em 2025, principalmente devido à fraqueza do sentimento dos consumidores na Alemanha e na França. No Reino Unido, a previsão decresceu -0,1 p.p., para 0,5% em 2024 e 1,5% em 2025.

No caso dos mercados emergentes, a projeção aponta para uma desaceleração de 4,3% em 2023 para 4,2% em 2024 e 2025. Na China, o FMI manteve sua previsão de que o crescimento em 2024 cairá para 4,6%, de 5,2% em 2023, com uma queda adicional para 4,1% em 2025. A falta de um pacote de reestruturação abrangente para o debilitado setor imobiliário do país pode prolongar uma retração na demanda doméstica e piorar as perspectivas chinesa. Em franca expansão, a economia indiana deverá crescer 6,8% em 2024 e 6,5% em 2025. Diante dos efeitos defasados da política monetária ainda restritiva e menor contribuição da agricultura, a projeção para o crescimento da atividade brasileira registrou elevações de 0,5 p.p. para 2,2% em 2024 e 0,2 p.p. para 2,1% para 2025, após crescer 2,9% em 2023.

Com relação à inflação global, espera-se uma desaceleração consistente de 6,8% em 2023 para 5,9% em 2024 e 4,5% em 2025, com os preços subjacentes diminuindo de forma gradual, ainda que o processo de convergência plena da inflação nas principais economias para as suas respectivas metas ainda não tenha se concretizado. Por fim, os riscos de uma nova escalada de preços persistem, por conta de tensões geopolíticas, como a guerra na Ucrânia e o conflito em Gaza e Israel.

Projeções de Crescimento Real do PIB (% a.a.)

	Projeções		Diferença janeiro	
	2024	2025	2024	2025
Produção Mundial	3,2%	3,2%	0,1	0,0
Economias Avançadas	1,7%	1,8%	0,2	0,0
EUA	2,7%	1,9%	0,6	0,2
Área do Euro	0,8%	1,5%	-0,1	-0,2
Reino Unido	0,5%	1,5%	-0,1	-0,1
Mercado Emergente	4,2%	4,2%	0,1	0,0
China	4,6%	4,1%	0,0	0,0
Índia	6,8%	6,5%	0,3	0,0
Rússia	3,2%	1,8%	0,6	0,7
Brasil	2,2%	2,1%	0,5	0,2
México	2,4%	1,4%	-0,3	-0,1

Fonte: FMI. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Com o aumento das incertezas no cenário global, motivado pela recalibragem das projeções para a trajetória da política monetária nos EUA e pelo recrudescimento significativo das tensões geopolíticas, diminuiu a procura por ativos de risco. No que tange ao Federal Reserve (Fed), um eventual corte de magnitude limitada na taxa básica de juros ficou apenas para o 2º segundo semestre, o que já estaria contemplado nos preços dos ativos globais.

Dessa forma, em 19/04, a ferramenta FedWatch da CME Group apontava 81,7% de chance de manutenção da taxa entre 5,50% e 5,25% a.a. na reunião de junho (24,4% em 22/03) e apenas 17,5% para um corte de -0,25 p.p. (66,7% em 22/03). Para o final de 2024, a probabilidade de 1 redução de -0,25 p.p. era de 34,8% (4,5% em 22/03), de 2 cortes de mesmo montante de 32,8% (18,0% em 22/03) e de 3 cortes de 14,7% (33,8% em 22/03).

Como consequência da fuga por segurança, houve na semana o aumento no retorno dos *Treasuries* e a valorização do dólar. O retorno dos títulos de 2 anos aumentou em 0,09 p.p. para 4,97% a.a., o de 5 anos em 0,12 p.p. para 4,66% a.a., o de 10 anos também em 0,12 p.p. para 4,62% a.a. e o de 30 anos em 0,11 p.p. para 4,72% a.a..

Apesar de alguns bons resultados corporativos, a perspectiva de juros elevados por mais tempo e o risco geopolítico afetaram os preços dos ativos, com as principais bolsas internacionais registrando perdas. Na semana, observaram-se quedas de -5,5% na Nasdaq, de -3,0% na S&P 500, de -6,2% na Nikkei 225, de -1,2% no FSTE 100 e de -1,1% na DAX 40, além do Dow Jones apresentar estabilidade. Por outro lado, impulsionado pelo crescimento da atividade econômica no 1T24, o índice Xangai subiu 1,5%. O que ajudou na recuperação do preço do minério de ferro, cuja cotação na bolsa de Qingdao aumentou 2,6%. Por sua vez, reagindo ao aumento da aversão ao risco, a cotação da saca de soja negociada em Chicago caiu -2,0% e o preço do barril de petróleo tipo Brent recuou -3,5% para US\$ 87,29, devolvendo parte dos ganhos das últimas semanas, após diminuir os temores de uma escalada no conflito do Oriente Médio.

Domesticamente, ainda que em menor peso, contribuíram os ruídos produzidos pela revisão das metas fiscais, acrescentando volatilidade e aumentando o prêmio de risco dos ativos internos. Na semana, o risco soberano brasileiro subiu 9,5 bps para 162,6 bps.. O Ibovespa recuou -0,7%, permanecendo no patamar dos 125 mil pontos, com impacto das ações mais sensíveis à política monetária e do cenário global mais adverso.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	19/04/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	125.124	-0,7%	-1,9%	19,9%
Nasdaq	15.282	-5,5%	-5,5%	26,7%
S&P	4.967	-3,0%	-4,1%	20,3%
Dow Jones	37.986	0,0%	-2,9%	12,4%
FTSE 100	7.896	-1,2%	2,0%	-0,1%
DAX 40	17.737	-1,1%	-1,4%	12,3%
Nikkei 225	37.068	-6,2%	-7,3%	29,3%
Xangai	3.065	1,5%	0,1%	-9,0%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

O dólar apreciou-se na semana, em linha com a alta nos retornos dos *Treasuries*. O *Dollar Index*, que mede a variação da moeda norte-americana frente à uma cesta de 6 moedas de países desenvolvidos, subiu 0,11% no período, com destaques para as depreciações de 1,48% na libra esterlina e de 0,66% no euro. Em consonância, o índice que calcula o desempenho de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar encerrou a semana com queda de -0,46%, com destaques para as depreciações de: 3,98% no peso mexicano; 2,05% no peso colombiano; 1,98% no rand sul-africano; 0,63% no peso argentino; e de 0,34% na rúpia indiana.

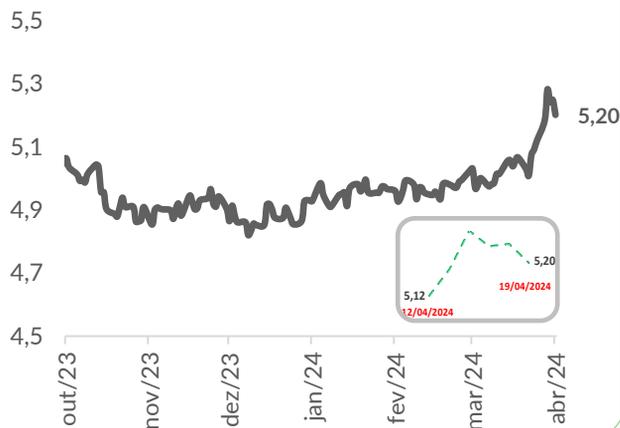
Com maior depreciação que a média de seus pares emergentes, refletindo os ruídos internos, o real se depreciou em 1,63% frente ao dólar, com a divisa dos EUA fechando cotada a R\$ 5,20. Apesar da forte depreciação, o BC manteve sua atuação com somente a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/07/2024, reafirmando sua política de câmbio flutuante e que possíveis intervenções seriam apenas para corrigir um mau funcionamento e não para atuar contra uma mudança estrutural.

Entre os dias 08/04 e 12/04, o fluxo cambial ficou superavitário em US\$ 1,96 bilhão, fruto da entrada líquida de US\$ 2,54 bilhões na conta comercial e da saída de US\$ -577 milhões na financeira. Em março, o saldo comercial ficou superavitário em US\$ 7,27 bilhões, decorrente de US\$ 27,43 bilhões em exportações e US\$ 20,43 bilhões em importações, e o financeiro deficitário em US\$ 5,55 bilhões, sendo US\$ 51,87 bilhões em compras e US\$ 57,42 bilhões em vendas. Assim, o saldo do fluxo cambial fechou o mês de março positivo em US\$ 1,72 bilhão, levando o acumulado em 12 meses a manter sua trajetória cadente, encerrando em US\$ 3,57 bilhões, o que representou quedas de -36,2% na margem e de -65,2% a.a..

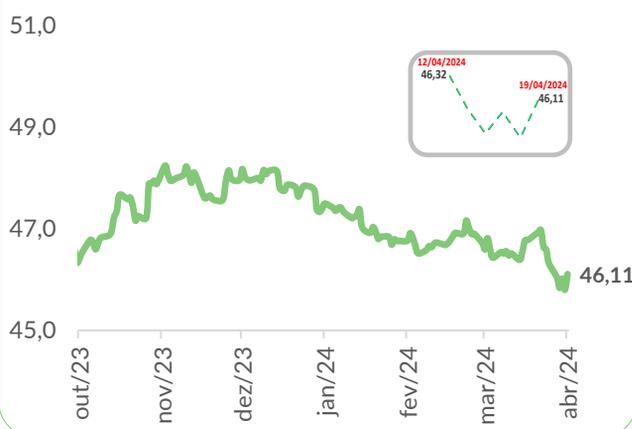
*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Real/US\$

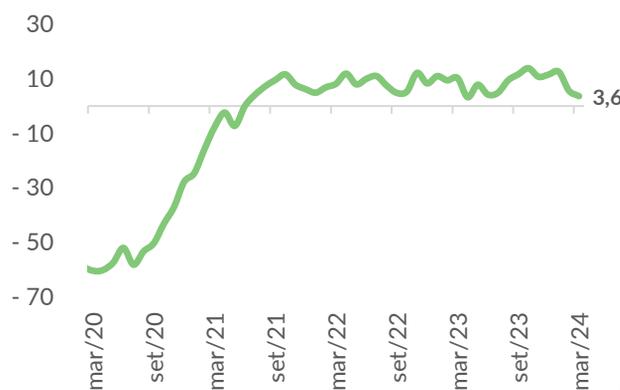


Índice de Emergentes*



Fluxo Cambial

Saldo acumulado em 12 meses



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

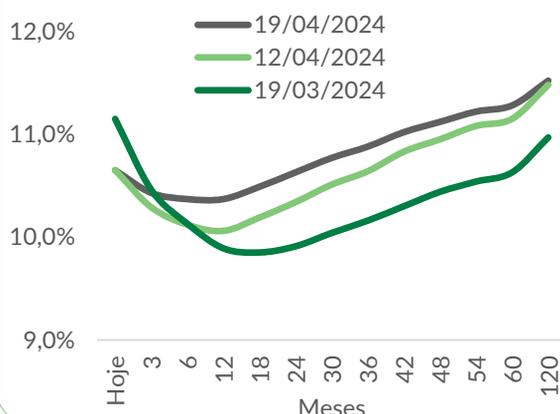
As recalibrações nas projeções para as conduções da política monetária doméstica e nos EUA levaram ao aumento nas taxas na curva futura de juros, em especial nas de curto e médio prazo.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses subiu de 10,12% a.a. para 10,37%, a de 1 ano de 10,06% a.a. para 10,37%, a de 2 anos de 10,34% a.a. para 10,63%, a de 3 de 10,64% a.a. para 10,88%, a de 4 de 10,95% a.a. para 11,12%, a de 5 de 11,15% a.a. para 11,28% e a de 10 anos saiu de 11,48% a.a. para 11,52%.

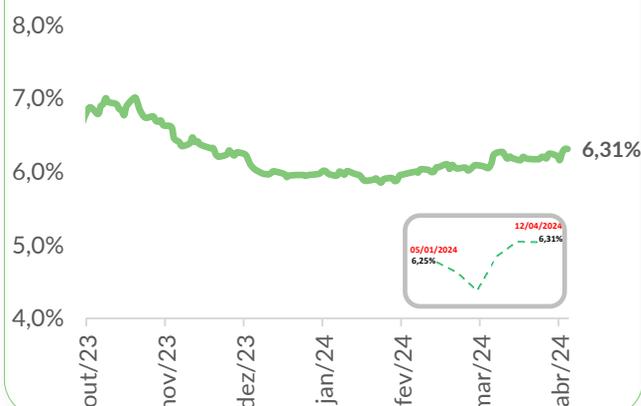
Considerando os dados de 12/04, a taxa real de juros *ex-ante* ficou em 6,31% a.a., o que representou uma alta de 0,06 p.p. frente ao encerramento da semana anterior. O resultado decorreu das elevações de 0,03 p.p. para 3,53% na inflação esperada para os próximos 12 meses e de 0,10 p.p. para 10,06% a.a. no *swap* DI prefixado de 360 dias.

Por fim, após forte elevação na semana anterior, a inclinação da estrutura a termo medida pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, recuou -0,27 p.p. na semana, finalizando em 1,15 p.p.. No mesmo sentido, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, caiu -0,33 p.p. para 1,29 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP-10 - Abr/24

Após uma deflação de -0,17% em mar/24, o IGP-10 recuou -0,33% em abril, acumulando uma queda de -0,73% no ano. Em termos anualizados, a deflação desacelerou de -4,05% a.a. em mar/24 para -3,81% a.a. (-1,90% a.a. em abr/23).

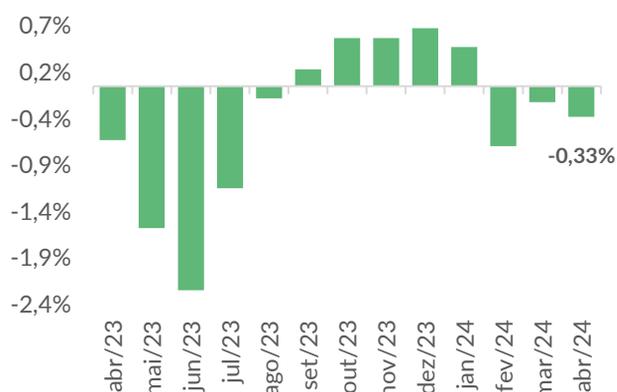
Em abril, principalmente, houve a contribuição da deflação dos produtos industriais no atacado (-0,57% para -1,12%), com um novo recuo nos preços do minério de ferro (-6,51% para -14,46%) e a aceleração nos custos dos produtos agrícolas (0,07% para 0,97%), destacando-se a soja, cacau e café.

Com uma queda mensal de -0,56% em abril ante uma de -0,40% em mar/24, o IPA acumulou uma retração de -6,40% a.a. (-6,77% a.a. em mar/24 e -4,17% a.a. em abr/23). Nos estágios de produção, os Bens Finais apresentaram uma queda considerável, variando de 0,49% em mar/24 para -0,36%, com destaque para os alimentos *in natura*, que saiu de 5,56% em mar/24 para -1,47%. O item Bens Intermediários passou de 0,07% para 0,71%, apoiado na recuperação dos materiais e componentes para a manufatura (-0,29% para 0,94%). Já o de Matérias-Primas Brutas passou de -1,85% em mar/24 para -2,23%.

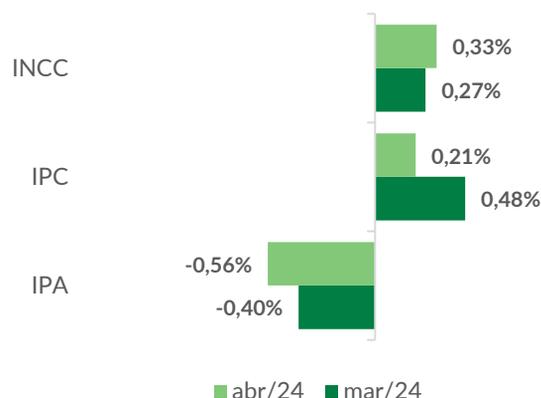
Após um aumento de 0,48% em mar/24, o IPC subiu 0,21% em abril. Em termos anualizados, acumulou uma alta de 3,13% a.a. (3,50% a.a. em mar/24 e 3,51% a.a. em abr/23). Dentre as classes de despesas, 7 de 8 apresentaram desaceleração: Transportes (0,87% em mar/24 para 0,19%), Despesas Diversas (1,38% para 0,19%), Alimentação (0,88% para 0,73%), Comunicação (0,31% para -0,21%), Educação, Leitura e Recreação (-1,49% para -1,72%), Vestuário (0,08% para 0,05%) e Habitação (0,55% para 0,54%). Apenas o subgrupo Saúde e Cuidados Pessoais apresentou avanço em sua taxa de variação, (0,47% em mar/24 para 0,49%).

Por fim, o INCC subiu 0,33% em abril, ante alta de 0,27% em mar/24. Seus componentes apresentaram movimentos distintos: Materiais e Equipamentos (de 0,34% para 0,19%), Serviços (0,01% para 0,40%) e Mão de Obra (0,21% para 0,50%). Em 12 meses, o índice acumulou uma elevação de 3,32% a.a. (3,21% a.a. em mar/24 e 7,61% a.a. em abr/23).

Variação Mensal



Variação Mensal Abertura



Evolução Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

IBC-Br - Fev/24

Em linha com as projeções do Valor Data, o indicador IBC-Br avançou 0,4% em fevereiro, sucedendo uma alta mensal de 0,5% em jan/24, na série livre de influências sazonais.

Utilizado como um indicador antecedente do PIB, a variação na margem refletiu as altas de 1,0% no varejo (+1,02% no conceito ampliado), além das quedas de -0,9% no setor de serviços e de -0,3% na indústria.

Equivalendo uma alta interanual de 2,6%, o resultado de fevereiro deixou um carrego estatístico de +1,3% para 1T24. Ainda na série com ajuste sazonal, a variação trimestral acelerou de 0,7% em jan/24 para 1,2% em fev/24 (0,2% em fev/23).

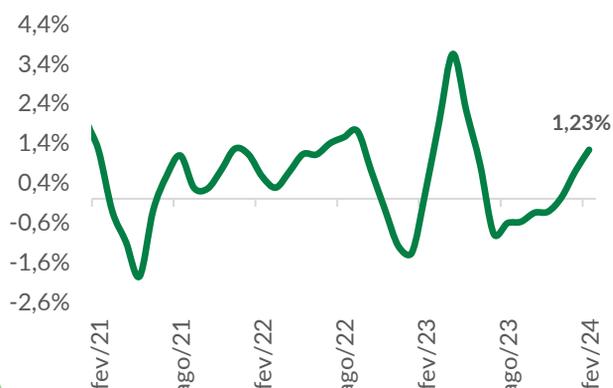
Com isso, no acumulado em 12 meses, o indicador acumulou uma alta de 2,3% a.a. , ante 2,4% a.a. em jan/24 (3,1% a.a. em fev/23).

Em termos prospectivos, espera-se a dissipação dos impactos do pagamento de precatórios, da política de reajuste do salário mínimo e o adiantamento do pagamento do abono salarial na demanda interna, que tende a continuar sendo alavancada pelo mercado de trabalho aquecido, aumento da massa salarial e pelos efeitos do afrouxamento da política monetária.

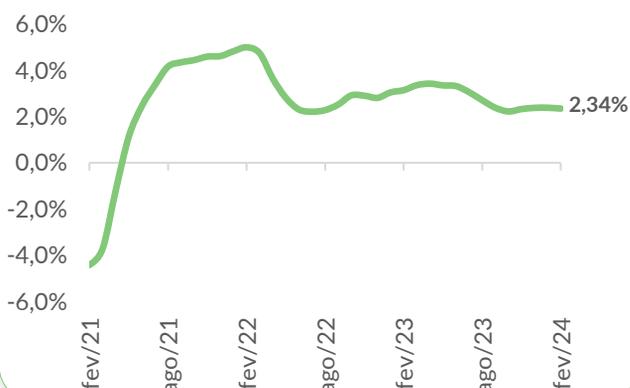
Variação Mensal
Série com ajuste sazonal



Variação Trimestral
Série com ajuste sazonal



Variação Anual
Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Monitor do PIB – Fev/24

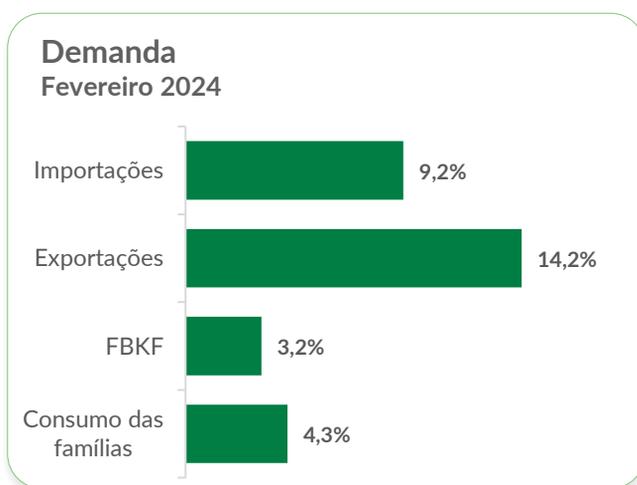
Alinhando-se aos recentes movimentos na atividade econômica, o monitor do PIB divulgado pela FGV mostrou, em fevereiro, um crescimento dessazonalizado de 0,8% na margem, ante um avanço de 0,1% em jan/24.

Nos comparativos interanuais, houve acréscimo de 3,5% ante fev/23 e de 3,3% em relação ao trimestre móvel findo em fev/23. Por sua vez, a taxa acumulada em 12 meses ficou em 3,0% a.a..

Desagregando-se os componentes da demanda, o consumo das famílias cresceu 4,3% no trimestre móvel terminado em fevereiro, com as contribuições positivas de todas as categorias de consumo. Com esse padrão sendo observado desde nov/23, vale a ênfase para as maiores contribuições do consumo de não duráveis, tais como os produtos alimentícios, farmacêuticos e de perfumaria, e dos duráveis, como os equipamentos de informática e veículos.

Com uma expansão de 3,2% no trimestre móvel findo em fevereiro, a formação bruta de capital fixo (FBCF) apresentou a 1ª expansão desde mai/23, mas desde o final de 2023 já vinha mostrando alguma recuperação, refletindo as menores retrações nos componentes de máquinas e equipamentos. No mês, todos os componentes da construção cresceram, padrão que deve permanecer ao longo do ano, considerando-se a base de comparação baixa e a continuidade do ciclo de corte de juros.

No setor externo, as exportações apontaram uma alta de 14,2% no trimestre móvel findo em fevereiro. Praticamente todos os segmentos exportados contribuíram para esse resultado positivo no mês, exceto exportações de bens de capital. Entre os com melhor desempenho, destacam-se os produtos agropecuários e extrativa mineral. Do lado das importações, o crescimento foi de 9,2%, na mesma base comparativa. Com exceção de produtos de extrativa mineral, seus outros componentes apresentaram destaques positivos no mês, sendo como principais os bens intermediários e de serviços. Após grandes quedas em 2023, o grupo bens intermediários voltou a crescer, o que pode ser um bom indicativo para indústria de transformação.



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Intenção de Consumo das Famílias – Abr/24

Após recuar por 4 meses consecutivos, a ICF, divulgada pela CNC, exibiu em abril, na série com ajuste sazonal, uma alta de 0,4% na margem ante -0,8% em mar/24. A variação contemplou fundamentalmente a melhora da perspectiva de consumo e o acesso ao crédito das famílias de baixa e alta renda. Como consequência, o indicador se mantém acima do nível de satisfação (100 pts.), em 103,1 pts..

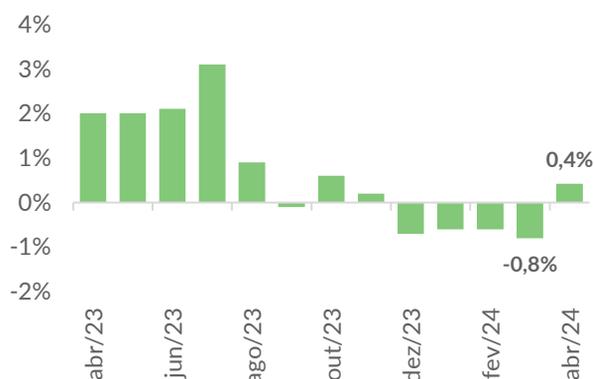
A queda das taxas de juros nos empréstimos para pessoas físicas no início do ano, assim como a redução na inadimplência dos consumidores e o melhor desempenho de disponibilidade de crédito contribuíram para a retomada do índice.

Em 12 meses, o ICF reduziu a taxa de expansão de 7,7% a.a. em mar/24 para 6,1% a.a.. A desaceleração na variação anual refletiria os receios das famílias com a postura mais cautelosa dos bancos na concessão de empréstimos e a priorização da adequação dos orçamentos, ao invés do aumento do endividamento, ainda que estejam cumprindo reduzir as dívidas em atraso.

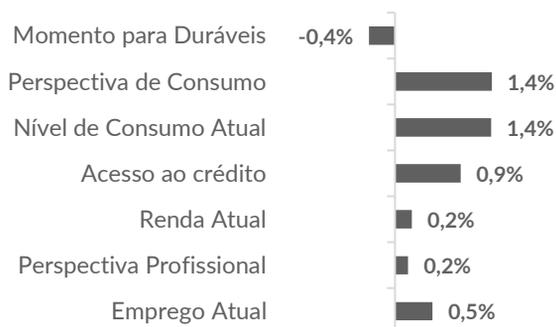
Analisando-se os componentes do indicador, observou-se uma visão mais otimista dos consumidores para o futuro. Apenas o momento para duráveis recuou -0,4% em abril (-2,2% em mar/24), na série com ajuste sazonal. Como contribuições positivas, destacaram-se as altas de 1,4% no nível de consumo atual (-0,3% em mar/24) e na perspectiva para consumo (-0,5% em mar/24).

Em 12 meses, todos os componentes mantiveram-se em patamar positivo, com destaques no momento para duráveis, variando 20,3% a.a. (24,8% a.a. mar/24) e nível de consumo, com alta de 9,1% (12,0% a.a. em mar/24).

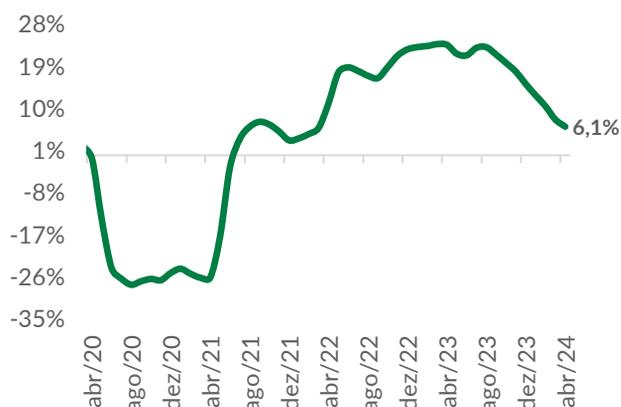
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Mensal Por grupo - com ajuste sazonal



Variação Anual



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	8,0
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,8
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	2,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	80,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-32,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	67,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-6,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,9
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688